



Teoria do *Design* Inteligente: teoria científica ou discurso religioso? Apontamentos sobre uma controvérsia atual.

Intelligent Design Theory: scientific theory or religious discourse? Notes on a current controversy

Roney Seixas Andrade *
Wilmar do Valle Barbosa **

Resumo

Este artigo tem com pano de fundo a controvérsia entre criacionismo e evolucionismo que ainda captura a imaginação de amplos segmentos religiosamente orientados, sobretudo nos Estados Unidos. Aqui destacamos as proposições elaboradas pela chamada Teoria do *Design* Inteligente (TDI). Essa teoria, que se apresenta como científica e desprovida de qualquer compromisso religioso, propõe demonstrar *empiricamente* que a complexidade observada na natureza, no universo e na vida, é resultante de um *design* genuíno, ou seja, produto de uma inteligência organizadora, e não produto de processos puramente materiais e aleatórios, isto é, decorrentes do acaso, ou da seleção natural, tal como sugere o darwinismo. Neste artigo trataremos da emergência da Teoria do *Design* Inteligente e de seus principais argumentos, tal como elaborados por seus proponentes, estudados pelos seus analistas e confrontados pelos seus críticos, a fim de verificar se ela é considerada teoria científica ou uma variante mais sofisticada e atual do criacionismo cristão.

Palavras-chave: Religião; Ciência; Criacionismo; *Design* Inteligente.

Abstract

This article has as a backdrop the controversy between creationism and evolutionism that still captures the imagination of large religious segments, especially in the USA. This text highlights the propositions drawn up by the so called Intelligent Design Theory. Such theory, which is presented as scientific and devoid of any religious commitment aims to demonstrate empirically that the complexity observed in nature, in the universe and in the life, is a the result of a genuine design. In this sense, it would be a product of an organizing intelligence and not a product of purely material and random processes resulting from chance, or from natural selection, as suggested by Darwinism. In this article, we will deal with the emergence of Intelligent Design and its main arguments, such as elaborated by its proponents, studied by its analysts and confronted by critics, to verify if it is considered a scientific theory or a more sophisticated variant of Christian creationism.

Key-words: Religion; Science; Creationism; Intelligent Design.

Artigo recebido em 18 de março de 2013 e aprovado em 10 de junho de 2013.

* Doutorando e mestre em Ciência da Religião (UFJF) no Programa de pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF. País de origem: Brasil. E-mail: roneyseixas@yahoo.com.br

** Doutor em Filosofia (UNIMI, 1974), Professor-associado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPGCIR) do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora. País de origem: Brasil. E-mail: wilmarvalle@uol.com.br

Introdução

A ideia de *design*, não é algo recente, como sabemos. É possível encontrá-la no *Timeu*, de Platão, sob a figura do *demiourgós*, deidade que cria o *kosmos* segundo um projeto, um modelo ideal e eterno.¹ Esta ideia foi retomada diversas vezes ao longo da história do pensamento filosófico e religioso ocidental. Podemos encontrá-la, por exemplo, no séc. II de nossa era, na obra do cristão Clemente de Alexandria, e muito posteriormente na famosa obra do filósofo inglês Stuart Mill, *Three essays on religion*, de 1885. Todavia, foi William Paley, teólogo e filósofo conterrâneo de Stuart Mill, o responsável pelo desenvolvimento detalhado de argumentos a favor desta ideia, expostos em seu livro *Natural Theology – or Evidences of the Existence and Attributes of the Deity Collected from the Appearances of Nature*, publicado em 1802. Já o a expressão *intelligent design*, foi empregado pela primeira vez por Ferdinand S. C. Schiller, pesquisador da Universidade de Oxford, que a utilizou em seu livro *Darwinism and Design Argument*, publicado em 1897, para designar uma teoria alternativa e oposta à teoria da evolução. No entanto, embora reconheçamos que a ideia básica de *design* tem raízes antigas e contínuas no pensamento religioso e filosófico ocidental, é necessário observar, em consonância com Steven Engler, que a apresentação e defesa do argumento do *design* inteligente como teoria *estritamente científica* é uma posição assumida a partir da década de 1990, com base em argumentos elaborados no século XIX (ENGLER, 2011, p. 238).

Neste artigo trataremos da emergência da Teoria do *Design* Inteligente (TDI) e de seus principais argumentos, tal como elaborados por seus proponentes, estudados pelos seus analistas e confrontados pelos seus críticos, a fim de verificar se ela é considerada teoria científica ou uma variante mais sofisticada e atual do criacionismo cristão. Como poderá ser observado ao longo deste artigo, o debate sobre a TDI ultrapassa os limites das relações entre ciência e religião, uma vez que

¹ *Timeo ou da natureza*, 30c-32c; 49a-51c. (PLATÃO, 1974, p. 1134-1135 e p. 1146-1148, respectivamente).

essa teoria também comporta proposições de caráter político, cultural e ideológico. Assim sendo, os argumentos aqui apresentados terão necessariamente que dar contas dessas diferentes matrizes proposicionais.

1 O Design Inteligente: Breve Histórico

Podemos afirmar com segurança que a teoria contemporânea do *design* inteligente, surgiu na década de 1980 com a publicação de dois livros: *The Mystery of Life's Origin*, de 1984, escrito pelo químico Charles Thaxton, o engenheiro mecânico Walter Bradley e pelo geoquímico Roger Olsen, todos protestantes, e *Evolution: A Theory in Crisis*, escrito pelo biólogo Michael Denton, em 1986. Segundo Ronald Numbers, essas duas obras ajudaram a estabelecer as bases intelectuais do movimento do *design* inteligente ao longo da década de 1990 (NUMBERS, 2006, p. 374).

Além dessas obras, outro importante fator para a emergência deste movimento foi a publicação, em 1989, do livro-texto de ciências produzido para o ensino médio intitulado *Of Pandas and People: The Central Question of Biological Origins*, escrito pelos criacionistas Dean H. Kenyon, biólogo que prefaciou o livro *The Mystery of Life's Origin*, e pelo zoólogo Percival William Davis, contando ainda com a contribuição de Charles Thaxton. Nele seus autores estabelecem uma comparação entre as explicações darwinistas e as explicações do *design* inteligente (ou criacionistas, nesse caso) na tentativa de verificar qual delas poderia responder melhor as exigências efetivamente científicas. Convém notar que este livro foi editado pela *Foundation of Thought and Ethics*, uma pequena, rica e conhecida organização dedicada à promulgação do evangelho cristão e à defesa da “moralidade judaico-cristã”, localizada no Texas.² Segundo Numbers, Kenyon e Davis conceberam originalmente seu livro dentro de uma perspectiva decididamente *criacionista*. Entretanto, em face da decisão negativa da Suprema

² Para maiores informações, ver FOUNDATION..., 2013.

Corte dos EUA, de 1987, a respeito do ensino da ciência da criação, eles rapidamente revisaram seus manuscritos, substituindo os termos “criação” e “criacionismo”, então objetos de disputa jurídica, pelos termos “*design* inteligente” e “*designs proponentes*” (NUMBERS, 2006, p. 375-376). Assim sendo, o livro que inicialmente seria intitulado *Biology and Creation*, recebeu, por fim, o título com o qual foi dado à publicação.

Como visto, embora a década de 1980 presencie os primeiros passos daquela que seria conhecida como a teoria contemporânea do *design* inteligente, é na década de 1990 que esse movimento vê suas bases teórico-metodológicas serem elaboradas de forma mais precisa. Segundo a avaliação de François Euvé, na lista dos principais proponentes e teóricos da TDI figuram: (1) o jurista Phillip Johnson, autor do livro *Darwin on Trial* – publicado em 1991 – o qual contém uma agressiva crítica à teoria darwinista e uma reiterada defesa da tese segundo a qual o darwinismo é apenas uma aplicação da filosofia materialista e não uma teoria científica; (2) o bioquímico Michael Behe, autor do livro *Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution*, de 1996, que, por sua vez, constitui uma crítica à teoria neodarwinista à luz da bioquímica; e (3) o matemático e filósofo William Dembski, cuja tese doutoral *The Design Inference: Eliminating Change through Small Probabilities* foi publicada pela editora da Universidade de Cambridge, em 1998. Neste trabalho Dembski procura estabelecer um critério plausível para se detectar o *design* na natureza e, a exemplo de Behe, postula a existência de uma complexidade própria dos sistemas biológicos que não pode ser explicada de maneira satisfatória pela tese da seleção natural, que dá corpo à teoria darwiniana da evolução (EUVÉ, 2009, p. 105).³

³ Outros proponentes da TDI são relacionados por Karl Giberson: Paul Nelson, Stephen C. Meyer, Jonathan Wells, Michel Denton, Dean Kenyon, J. P. Moreland, Charles B. Thaxton, and Hubert Yockey. Ver: GIBERSON; YERXA, 2002, p. 201. Além desses expoentes, vale também destacar a principal instituição de pesquisa e divulgação da TDI, o *Discovery Institute*. Localizada em Seattle, essa organização, fundada em 1990 pelo político graduado em Harvard, Bruce Chapman, abriga e financia a maior parte dos trabalhos desenvolvidos pelos proponentes da TDI. Em 1996, a convite de Chapman, o cientista político, John G. West e o filósofo da ciência, Stephen C. Meyer, criaram uma unidade dentro do *Discovery Institute*. Essa unidade chamada *Center for Renewal of Science and Culture* (CRSC) forma assim, o principal núcleo de trabalho sobre a teoria do *design* inteligente. Ver NUMBERS, 2006, p. 381-383.

2 A Teoria do *Design* Inteligente

Para melhor avaliarmos a TDI é antes necessário responder a duas perguntas simples: (i) O que é esta teoria? (ii) O que ela afirma? Embora sejam perguntas simples, as respostas, por sua vez, podem ser bastante complexas e controversas, principalmente no que se refere à primeira delas. Isso se deve ao fato que podemos observar a existência de pelo menos três tipos de discursos elaborados com vistas a conceituar e/ou definir a TDI mesma. Sendo assim, temos o discurso “oficial”, elaborado pelos próprios proponentes, teóricos e adeptos desta teoria; outro discurso provém dos críticos do *design* inteligente; por fim, temos o discurso elaborado por aqueles que podem ser considerados como “analistas”, ou seja, autores que não se reconhecem como adeptos e nem críticos da TDI, mas que se propõem avaliar o movimento do *design* inteligente de forma mais distanciada da acalorada polêmica que o cerca.

2.1 A TDI na perspectiva dos seus proponentes.

A levar em conta a avaliação de proponentes da TDI, tais como Jonathan Witt, um dos pesquisadores do *Discovery Institute*, esta teoria não se baseia definitivamente em pressupostos ou argumentos religiosos, nem tampouco se vincula a uma tradição religiosa específica. No parecer de seus proponentes a TDI simplesmente afirma que a existência de uma causa inteligente constituiu um *argumento* que melhor explica certas características do mundo natural (WITT, 2007, p. 3). Conforme sugere seu colega Michael Denton, “a inferência do *design* é estritamente uma indução *a posteriori* baseada em uma consistente aplicação da analogia lógica. A conclusão pode ter implicações religiosas, mas não depende de pressuposições desta ordem” (DENTON, 1997, p. 341).

Para uma melhor compreensão da TDI devemos levar em conta, além de Witt e Denton, dois de seus proponentes que têm sido apontados como os seus principais teóricos: Michael Behe e William Dembski.

É em sintonia com proposições tais como a sugerida por Denton que o bioquímico Michael Behe apresenta, em seu referido livro, um conceito com o qual pretende invalidar a teoria da evolução gradual e, simultaneamente, verificar se determinado sistema biológico é resultado ou não de um planejamento inteligente.⁴ Esse conceito é o de *sistema irreduzivelmente complexo*, também conhecido como *complexidade irreduzível*. Segundo Michael Behe, um sistema irreduzivelmente complexo é

Um sistema único composto de várias partes compatíveis, que interagem entre si e que contribuem para sua função básica, caso em que a remoção de uma das partes faria com que o sistema deixasse de funcionar de forma eficiente. Um *sistema irreduzivelmente complexo* não pode ser produzido diretamente (isto é, pelo melhoramento contínuo da função inicial, que continua a atuar através do mesmo mecanismo) mediante modificações leves, sucessivas, de um sistema precursor, porque qualquer precursor de um sistema irreduzivelmente complexo ao qual falte uma parte é, por definição, não-funcional (BEHE, 1997, p. 48).

Partindo desse conceito, Behe argumenta, então, que existe uma limitação da teoria darwiniana para explicar a base molecular da vida, pois no seu entendimento nenhum processo bioquímico complexo pode ser explicado por meio dos postulados darwinianos. Isto significa que nenhum sistema bioquímico complexo poderia ser formado de maneira gradual (BEHE, 1997, p. 190).⁵ Como alternativa ao gradualismo darwiniano, Behe propõe a tese segundo a qual muitos sistemas bioquímicos foram “desenhados não por leis da natureza, pelo acaso ou pela necessidade, na verdade foram *planejados*. O planejador sabia qual aparência os sistemas teriam quando completos e tomou medidas para torná-los realidade em

⁴ O termo “evolução gradual”, ou simplesmente “gradualismo”, que dá nome a uma ideia já presente no pensamento de Darwin, designa uma concepção segundo a qual a evolução ocorre através da acumulação de pequenas modificações ao longo de várias gerações. Ver: MEYER; EL-HANI, 2005, p. 88.

⁵ Segundo Jean Gayon, “é darwiniana toda interpretação da evolução como modificação gradual das espécies, orientada de maneira predominante por um processo de seleção natural que opera num campo de variação intrapopulacional”. Cf. GAYON, 1992, p. 1.

seguida. A vida na terra, em seu nível mais fundamental, em seus componentes mais importantes, é produto de atividade inteligente” (BEHE, 1997, p. 195).

A partir dessa concepção da vida como resultante de um planejamento consciente com base em um modelo prévio, Michael Behe segue definindo, então, o que ele entende ser planejamento. “Planejamento”, afirma o bioquímico, “é tão somente o arranjo intencional das partes”. Porém, como Behe mesmo sugere, existe um problema na afirmação de que a vida é resultado de um planejamento. O problema é justamente como estabelecer se que algo foi planejado ou como identificar o plano com absoluta certeza, isto é, de maneira empírica e científica. Em face desse contratempo, ele mesmo apresenta uma via de solução. Em sua avaliação, “no caso de sistemas físicos separados – se não houver um *caminho gradual* para sua produção – o plano é evidente quando certo número de componentes separados, interatuantes, é organizado de maneira a realizar uma função que está além da capacidade dos componentes isolados”. Logo, continua Behe, “quanto maior for a especificidade dos componentes necessários para produzir a função, maior será nossa confiança na conclusão da existência de um plano” (BEHE, 1997, p. 196-197). Além disso, o bioquímico sugere ainda que “aumentando o número ou a qualidade das partes de um sistema interatuante, nossa conclusão sobre a existência de um plano também aumenta e pode chegar à certeza” (BEHE, 1997, p. 201).

Com o conceito de complexidade irreduzível, Michael Behe fornece à TDI um critério, um método de verificação, que em sua opinião é capaz de determinar se um dado sistema biológico é ou não resultado de um planejamento ou, o que é o mesmo, de um *design* inteligente. Em seu parecer, uma vez que o darwinismo não consegue explicar a complexidade irreduzível de máquinas moleculares dotadas de múltiplas partes funcionalmente integradas e precisamente coordenadas, sua

conclusão é a de que os sistemas bioquímicos foram *planejados* por um agente inteligente (BEHE, 1997, p. 206).⁶

Outra importante consideração a ser levada em conta em uma avaliação da teoria do *design* inteligente é apresentada por um de seus principais teóricos, William Dembski. Em diversos livros e artigos, Dembski apresenta uma explanação geral acerca da TDI enfatizando sua natureza e seus principais argumentos. No prefácio de seu livro *Intelligent Design: The Bridge between Science & Theology*, publicado em 1999, Dembski apresenta uma clara e concisa definição segundo a qual o *design* inteligente é três coisas: é “um *programa de pesquisa científica* que investiga os efeitos de causas inteligentes; um *movimento intelectual* que desafia o darwinismo e seu legado naturalista; e um *caminho para o entendimento da ação divina*” (DEMBSKI, 1999, p. 13. O itálico é nosso).

Desta definição podemos inferir aquelas que, em nossa avaliação constituem três linhas de força próprias da TDI. A primeira postula o reconhecimento desta teoria como uma empreitada científica. A segunda indica que essa teoria é francamente *antievolucionista* e *antinaturalista*. E a terceira, por sua vez, sugere que, de certa forma, muito embora seja vista como teoria científica, a TDI possui implicações religiosas ou teológicas. Nessa perspectiva, o próprio Dembski afirma que “o *design* inteligente é, portanto, um ponto de intercessão entre ciência e teologia” (DEMBSKI, 1999, p. 13). Entretanto, embora reconheça que o *design* inteligente possui implicações teológicas, este criacionista segue afirmando que isto não faz dessa teoria um empreendimento teológico. A TDI, em sua opinião, é um emergente programa de pesquisa científica (DEMBSKI, 2004a, p. 45).

Além da definição apresentada no livro *Intelligent Design*, Dembski também qualifica a TDI como uma *teoria da informação*. Nessa perspectiva, ele não propõe

⁶ Segundo nos indica John Haught, Behe diz que os mecanismos celulares são “irredutivelmente complexos”, isto é, não podem ser reduzidos a peças ou estágios montados aos poucos ao longo do tempo. Assim, é difícil imaginar como uma enzima ou um mecanismo de coagulação do sangue, por exemplo, poderiam trabalhar sem que vários de seus componentes estivessem presentes ao mesmo tempo. Uma vez que o mecanismo celular não é produto de uma acumulação gradual de pequenas mudanças, conclui Behe, a explicação darwiniana da vida é comprovadamente errada. E a única alternativa é o “projeto inteligente”. Ver: HAUGHT, 2006, p. 18.

apenas o estudo de causas inteligentes em si mesmas, mas também o estudo da trajetória ou da transmissão da informação provocada pelas causas inteligentes.⁷ Em um de seus artigos, Dembski reitera essa perspectiva conceitual afirmando que o “*design* inteligente é a ciência que estuda os sinais de inteligência” (DEMBSKI, 2004.01). Assim definida, continua Dembski, a TDI incluiria áreas como a arqueologia, a criptografia e a pesquisa de inteligência extraterrestre (SETI). No entanto, apesar de conceber a TDI como a ciência que estuda os sinais de inteligência, Dembski é do parecer que tal ciência busca “detectar a inteligência sem especular acerca da natureza da inteligência”. Por isto mesmo ela “não pressupõe ou indica nem um criador, nem a ocorrência de milagres” (DEMBSKI, 1999, p. 107). Dentro dessa perspectiva, ele sugere que a TDI, enquanto programa de pesquisa científica, investiga os efeitos da inteligência e não a inteligência mesma. Assim definida, a TDI parece, todavia, bastante inócua. No entanto, a questão efetivamente polêmica e controversa acerca do *design* inteligente está no fato desta teoria se propor a *encontrar sinais de inteligência nos sistemas biológicos*. (DEMBSKI, 2004a, p. 33).

Assim sendo, enquanto uma teoria que especula sobre as origens e o desenvolvimento dos sistemas biológico, sua principal postulação é que somente a admissão de causas inteligentes seria capaz de prover uma explicação plausível para as estruturas biológicas complexas e ricas em informações. Causas que, por sua vez, seriam elas mesmas empiricamente detectáveis. Ao afirmar que tais causas inteligentes possuem uma dimensão empírica detectável, Dembski sugere, simultaneamente, que existem métodos bem definidos que, com base em características observáveis do mundo, podem distinguir e estabelecer, de forma confiável, as diferenças existentes entre as causas inteligentes e orientadas e as causas naturais que atuam ao acaso (DEMBSKI, 2004a, p. 34).

⁷ Segundo indica Adauto Lourenço, a TDI é uma *teoria da informação* para a qual a informação é simultaneamente o indicador confiável do *design* e objeto da investigação científica. Assim sendo, a TDI é a teoria destinada a detectar informação e o modo como é transmitida. Aplicado à biologia, a TDI sugere que a origem da informação contida na complexidade da vida não resulta de processos naturais espontâneos. Ver: LOURENÇO, 2007, p. 42.

De acordo com este teórico da TDI, um dos métodos utilizados para detectar causas inteligentes é aquele que segue o conceito conhecido como *complexidade especificada* que, ao lado do conceito de *complexidade irreduzível*, elaborado por Michael Behe, figura como principal referencial metodológico da teoria do *design* inteligente.

Segundo William Dembski, para inferirmos o *design* inteligente de um dado objeto, esse último deve preencher três critérios: *contingência* (ou possibilidade), *complexidade* e *especificação*. Segundo Dembski,

A *contingência* assegura que o objeto em questão *não* é o resultado de um processo automático e sem inteligência que não teve opção em sua produção. A *complexidade* garante que o objeto *não* é tão simples a ponto de ser facilmente explicado pelo acaso e a *especificação* assegura que o objeto exibe o tipo de padrão característico de inteligência (DEMBSKI, 1999, p. 128).

Utilizando-se tais critérios, pode-se afirmar, segundo este autor, que um evento, objeto ou estrutura resultam de uma causa inteligente se responderem positivamente aos três critérios em questão, isto é, se forem *concomitantemente* contingentes, complexos e específicos (DEMBSKI, 1999, p. 133).

Além disso, ele afirma que quando explicamos um evento, objeto ou estrutura, temos que escolher um dentre três modos concorrentes de explicação. Vamos atribuir tais eventos, objetos ou estruturas à regularidade (necessidade), ao acaso ou ao *design* (planejamento)? No seu entendimento, atribuir um evento à regularidade significa dizer que ele sempre acontece. Tipicamente, essas regularidades são concebidas como leis naturais. Atribuí-lo ao acaso, significa dizer que há probabilidades que determinam a ocorrência do evento e também que, de certa forma, este último poderia ter ocorrido de outra maneira, ou seja, poderia ter ocorrido aleatoriamente. Algo que acontece por acaso é também algo que não se explica por determinação precedente, ou seja, não apresenta regularidade. Por fim, atribuir um evento ao *design* ou planejamento, significa dizer que ele não pode razoavelmente ser referido à regularidade ou ao acaso. O *design* pode ser definido,

então, como o conjunto teórico complementar da disjunção “regularidade-ou-acaso” que garante que os três modos de explicação são mutuamente exclusivos e exaustivos, tornando-se por isso objeto da TDI (DEMBSKI, 1998, p. 36).

Assim sendo, um evento exhibe complexidade especificada se (a) ele for contingente, no sentido de ser uma de várias possibilidades; (b) se ele for complexo, no sentido de permitir muitas alternativas e, portanto, não ser facilmente reduzido ao acaso; (c) se for especificado, no sentido de exhibir um determinado padrão (DEMBSKI, 2004c, p. 2).

De acordo com Dembski, a teoria do *design* inteligente, vista como estudo sistemático de causas inteligentes e, mais especificamente, dos efeitos e sinais deixados por elas, permite deduzir que uma causa inteligente é responsável por um efeito se e somente se este efeito for simultaneamente *complexo* e *específico*. A fim de elucidar sua proposição, Dembski faz uso de um exemplo, afirmando que uma simples letra do alfabeto é específica sem ser complexa. Uma longa sentença de letras aleatórias é complexa sem ser específica. Um poema de Shakespeare é complexo e específico. Dessa forma, no parecer deste criacionista podemos inferir, através da TDI, o *design* pela identificação da *complexidade especificada* (DEMBSKI, 1998, p. 47).

2.2 A TDI na visão dos seus analistas.

Quando voltamos nossa atenção para as obras que constituem análises sistemáticas do criacionismo em geral e da TDI, em particular, percebemos que elas possuem um elo comum. O historiador Ronald Numbers, por exemplo, em seu livro que se tornou referência para os estudos sobre essas correntes de pensamento, afirma categoricamente que a TDI constitui uma “nova forma de antievolucionismo”. No seu entendimento,

A TDI tem chamado a atenção por sua ousada tentativa de reescrever as regras básicas da ciência e por sua pretensão de ter encontrado provas irrefutáveis da existência de Deus. No entanto, os proponentes insistem que a base dessa ideia não é religiosa, mas uma evidência baseada em uma teoria científica sobre a origem da vida, uma teoria que desafia as visões estritamente materialistas da evolução (NUMBERS, 2006, p. 374).

Por sua vez, Steven Engler considera a teoria do *design* inteligente um desenvolvimento do criacionismo, sendo por ele classificada como “a terceira grande onda do criacionismo norte-americano na década de 1990” (ENGLER, 2011, p. 244). Essa opinião é compartilhada por Barry Hankins, para quem “o movimento do *design* inteligente, seguindo os passos do criacionismo científico, é um desenvolvimento do criacionismo”. Na sua avaliação, “os proponentes da TDI não argumentam contra a evolução *per se*, mas contra a evolução como uma teoria adequada para explicar a origem da vida. Antes, reivindicam que algumas formas de vida mostram evidências de terem sido *planejadas* intencionalmente” (HANKINS, 2008, p. 103-104).

Segundo outros dois analistas da TDI, Karls Giberson e Donald Yerxa, o *design* inteligente nada mais é do que uma coalizão de pensadores que se organizaram em um movimento cuja perspectiva é antievolucionista. No parecer de ambos, os líderes do movimento do *design* inteligente são em sua maioria profundamente religiosos, sendo que alguns deles são fundamentalistas bíblicos. Ainda assim, Giberson e Yerxa reconhecem que considerações estritamente religiosas estão ausentes na apresentação dos argumentos da TDI, os quais tratam apenas do *design* (planejamento) de forma dissociada de qualquer consideração acerca de um *designer* (planejador). Dessa forma, continuam esses analistas, os proponentes da TDI deixam as pessoas livres para inferir sua noção teológica particular, com ou sem a bagagem do literalismo bíblico (GIBERSON & YERXA, 2002, p. 197).

Concordando com Giberson e Yerxa em relação ao fato da maioria dos líderes do movimento em questão ser constituída por pessoas religiosamente orientadas, David H. Bailey nos faz saber que tanto os criacionistas como a maioria

dos proponentes do *design* inteligente estão, na realidade, intimamente ligados ao cristianismo evangélico. Desta forma, enquanto participantes do universo evangélico, muitos dos proponentes da TDI concordam, como dificilmente poderia deixar de ser, que a teoria darwiniana da evolução é um *constructo* absolutamente incompatível com o revelado pelas escrituras e, conseqüentemente, com a fé cristã. De fato, podemos verificar, conforme sugere Bailey, que em geral “esses proponentes insistem que muitas características da vida na terra são muito complexas para serem explicadas pela evolução natural” e que, portanto, a inferência de um *design* na natureza é mais plausível (BAILEY, 2010, p. 11).

Dentre os atores que procuram manter um perfil mais analítico em relação à TDI, encontra-se a importante *American Association for Advancement of Science* (AAAS), que atualmente possui 261 associações e sociedades científicas filiadas. Para esta instituição a teoria do *design* inteligente é, na realidade, uma espécie de “estratégia de sobrevivência” elaborada por criacionistas. No seu entendimento, a TDI se quer científica, quando, *last but not least*, possui o claro objetivo de opor-se à teoria da evolução. Assim, de acordo com a AAAS, uma vez que, em primeiro lugar, os tribunais estadunidenses deixaram claro que não permitiriam a possibilidade de qualquer doutrina religiosa ditar o conteúdo de ciências nas salas de aula; e por não haver, em segundo lugar, obstáculos legais ao ensino de teorias científicas alternativas à evolução, alguns daqueles que se opuseram à teoria da evolução por motivos religiosos assumiram novas estratégias. Deixaram de empregar em seu vocabulário o termo “criacionismo”, começaram a evitar referências religiosas e a elaborar seus argumentos em linguagem mais acadêmica, recorrendo, assim, a uma terminologia de extração científica. Nesse contexto, então, teria surgido a teoria do *design* inteligente na década de 1990, segundo a referida associação norte-americana. Entretanto, no parecer dessa instituição – o qual se baseia na decisão do juiz John E. Jones III, no caso *Kitzmiller versus the Dover School District*, de dezembro de 2005 – apesar do uso do vocabulário científico por seus proponentes, a TDI fundamenta-se na religião e não na ciência. Uma vez que o conceito de *design* inteligente *necessariamente* pressupõe a

existência de um “designer inteligente” fora da natureza, que desde o início e ao longo dos tempos inseriu e insere um *design* no mundo ao nosso redor, a existência deste suposto “designer inteligente” seria uma questão de fé e não de ciência, posto que sua existência não pode ser cientificamente testável.⁸

Podemos perceber, por meio dessas diferentes considerações, que, na visão dos analistas, a TDI consiste numa teoria e num movimento formado por pensadores de diversas áreas do conhecimento, religiosamente orientados e unidos por uma perspectiva estritamente antievolucionista e antimaterialista, uma vez que para eles a explicação dos sistemas naturais complexos, oferecida pela teoria da evolução, mostrou-se inconsistente. Como vimos, alguns desses analistas são da parecer que a TDI nada mais é do que um “criacionismo melhorado”, digamos assim, e, por conseguinte, muito embora recorra a toda uma terminologia de extração científica, não merece crédito enquanto suposto saber científico. Outros analistas, a exemplo de Hawkins, propõem avaliações mais sutis da TDI ao estabelecerem e apontarem diferenciações conceituais no corpo teórico desta corrente de pensamento. No nosso entendimento, tais diferenciações permitem a tais analistas verem a TDI não como um *novo paradigma científico*, mas como um conjunto de argumentos que, sem recorrer à ideia de um *demiourgòs*, um planejador, sustentam a tese de que a teoria da evolução de matriz darwiniana é insuficiente para explicar a complexidade irreduzível e constitutiva dos seres vivos.

Resta-nos agora verificar como pensam aqueles que efetivamente se colocam na posição de críticos e opositores da teoria do *design* inteligente.

⁸ ADVANCING..., 2011, p. 32. Essa opinião é compartilhada pela anticeacionista Eugenie C. SCOTT (2005, p. 114). Ver AMERICAN..., 2006, p. 22.

2.3 A TDI na visão dos críticos

A teoria contemporânea do *design* inteligente, desde seu surgimento na década de 1980 e principalmente a partir de seu estabelecimento teórico-metodológico na década de 1990, tem sido alvo de diversas críticas. Essas críticas dizem respeito principalmente à identidade do movimento, como bem sintetiza a pergunta feita por Ronald Numbers: “O *design* inteligente é um novo e revolucionário paradigma científico ou meramente a mesma antiga *bobagem* criacionista vestida com nova roupagem?” (NUMBERS, 2006, p. 379). Como vimos, desde o início de seu movimento, os proponentes da TDI insistem que sua teoria não é uma variante do fundamentalismo cristão com uma nova roupagem, uma vez que, em seu parecer, suas proposições “não estão associadas com as crenças do fundamentalismo cristão, tais como uma terra jovem, um dilúvio global, ou até mesmo a existência do Deus cristão” (DAVIS & KENYON, 1993, p. 161).

Dentro de tal perspectiva, se por um lado os proponentes e adeptos da TDI buscam afirmar o distanciamento entre sua teoria e o criacionismo enquanto clássica expressão do fundamentalismo cristão, os críticos do *design* inteligente, por outro lado, depreciam-na como a mais recente manifestação do criacionismo mesmo (NUMBERS, 2006, p. 380).

Essa é, por exemplo, a opinião de um dos principais críticos da TDI, a antropóloga Eugenie C. Scott, diretora do anticriacionista *National Center for Science Education* que se autodenomina “evangelista da evolução”. Em seu parecer a proposta do *design* inteligente nada mais é do que um *pseudocriacionismo* (NUMBERS, 2006, p. 380). De acordo com esta antropóloga, a TDI veio substituir o criacionismo científico, o qual foi concebido como proposta “científica” alternativa à teoria da evolução, justamente após essa variante do criacionismo ter sido qualificado como uma visão religiosa pela Suprema Corte dos EUA, em 1987, e

por isso mesmo banida dos currículos escolares daquele país.⁹ Assim sendo, o *design* inteligente “refere-se ao movimento que teve início poucos anos antes e que se solidificou poucos anos após a decisão *Edwards*”. Na sua avaliação, os promotores da TDI apresentam-na como uma “alternativa científica à evolução”, mas, diferentemente do criacionismo científico, com menos referências religiosas. Conseqüentemente, a TDI tem atraído à atenção e conseguido adeptos dentre os cristãos que não se identificam como literalistas bíblicos, isto é, como fundamentalistas (SCOTT, 2005, p. 113-116).

Essa avaliação é também compartilhada por outra expoente da crítica à TDI, a filósofa Barbara Forrest, para quem o movimento do *design* inteligente é a mais recente versão do criacionismo. No seu entendimento, “o movimento do *design* inteligente nada mais é do que um mal camuflado criacionismo”, denominado, por ela, de “*neocriacionismo*” (FORREST, 2007, p. 27). Em seu parecer,

Até alguns anos atrás, o criacionismo científico foi liderado por literalistas bíblicos tais como Duane Gish and Henry Morris. [...] Agora, esses velhos tempos têm sido ofuscados pela presença de um novo tipo de criacionistas. Esses *new boys* são os promotores do *design* inteligente, principalmente aqueles associados com o *Center for Science and Culture* (CRSC), localizado em Seattle, Washington (FORREST, 2004, p. 7).

Por sua vez, o conhecido biólogo Richard Dawkins, que defende a ideia segundo a qual não existe nenhum propósito ou *design* no universo, mas apenas forças físicas cegas e replicações genéticas, vai um pouco além (DAWKINS, 1986, p. 133). No prefácio que escreveu para o livro *God, the Devil and Darwin*, de Niall Shanks, filósofo e biólogo inglês radicado nos Estados Unidos, ele declara considerar o *design* inteligente uma subespécie do criacionismo. Além disso, afirma que a “*teoria* do *design* inteligente é um pernicioso absurdo que precisa ser neutralizado antes que danos irreparáveis sejam feitos à educação americana” (SHANKS, 2004, p. x).

⁹ A Suprema Corte dos Estados Unidos no caso *Edwards v. Aguillard* (482 U.S. 578, 1987) decidiu que a lei do estado de Louisiana, aprovada em 1981, que requeria o ensino do criacionismo científico nas escolas públicas daquele estado, juntamente com a teoria da evolução, era inconstitucional, por ser ela uma lei especificamente destinada para promover uma religião em particular. Ver JOHNSON, 2008, p. 15 e 170.

Além de sua oposição radical à teoria do *design* inteligente, Dawkins apresenta sérias críticas ao argumento da *complexidade irreduzível* proposto por Michael Behe. Em seu livro *The God Delusion* (“Deus, um delírio”), publicado em 2006, Dawkins refuta a ideia, sustentada por Behe e outros proponentes da TDI, segundo a qual, diante de um alto grau de improbabilidade estatística, o argumento do *design* seria a única alternativa ao acaso. Na opinião desse biólogo, entretanto,

O *design* não é a única alternativa ao acaso. A seleção natural é uma melhor alternativa. Na verdade, o *design* não é nem mesmo uma real alternativa, porque suscita um problema maior do que o que solucionou: quem projetou o projetista? Tanto o acaso como o *design* fracassam como soluções para o problema da improbabilidade estatística. [...] A seleção natural é a solução verdadeira. (DAWKINS, 2007, p. 132).

De acordo com Dawkins, mais do que o acaso e o *design*, a seleção natural constitui a solução mais viável para o problema da improbabilidade estatística porque ela é “um processo cumulativo” que divide este problema em “partículas pequenas”. (DAWKINS, 2007, p. 132) Dessa forma, o autor de *God Delusion* critica diretamente os criacionistas que assumem a ideia falaciosa segundo a qual a adaptação biológica é uma questão de “tudo ou nada”. Segundo Dawkins, o nome dado pelos criacionistas a esta falácia é “complexidade irreduzível”. Como vimos, enquanto os defensores deste conceito assumem que não existem intermediários úteis nos processos de adaptação biológica, Richard Dawkins, por outro lado, segue reafirmando os postulados da evolução gradual defendida Charles Darwin.

Paradoxalmente, Dawkins reconhece que os criacionistas tem razão ao afirmar o que ele mesmo já havia afirmado, a saber: caso a complexidade irreduzível possa ser adequadamente demonstrada, isso arruinará toda a teoria darwinista da evolução pela seleção natural.¹⁰ Porém, o fato é que, de acordo com Dawkins, até o momento nenhum caso de complexidade irreduzível foi cientificamente demonstrado (DAWKINS, 2007, p. 136). Em sua opinião, portanto, como a complexidade irreduzível está sendo usada como pressuposto básico para o

¹⁰ De fato, o próprio Darwin já havia afirmado que “se fosse demonstrado que qualquer órgão complexo existisse e que ele não pudesse ter sido formado por numerosas, sucessivas e pequenas modificações, minha teoria absolutamente ruidaria”. Ver DARWIN, 1859, p. 101.

design, ela não devia ser afirmada por “decreto”, como ocorre com o próprio *design*, mas comprovada empiricamente (DAWKINS, 2007, p. 140). Por isso mesmo, Dawkins refuta o argumento da complexidade irreduzível desenvolvido pelo bioquímico Michael Behe. Em sua opinião, Behe simplesmente proclama o motor flagelar bacteriano como irreduzivelmente complexo, sem oferecer nenhuma demonstração empírica a favor de seus argumentos. Dentro desta perspectiva, as alegações de Behe são falsas, não possuindo nenhuma validação científica. Segundo Dawkins,

O essencial para comprovar a complexidade irreduzível é demonstrar que nenhuma das partes poderia ter sido útil de forma isolada. Todas elas precisariam estar no lugar para que qualquer uma delas tivesse alguma utilidade. Na verdade, os biólogos moleculares não têm dificuldade de encontrar partes que funcionem fora do todo, tanto para o flagelo bacteriano como para outros exemplos de Behe da suposta complexidade irreduzível (DAWKINS, 2007, p. 143).¹¹

Assim como Scott, Forrest e Dawkins, outro crítico radical da TDI, Niall Shanks, também considera esta teoria um tipo de criacionismo e acredita que esse movimento oferece perigo real à ciência, à política, à educação e à sociedade em geral. No seu entender a TDI não é apenas um movimento para reintroduzir a religião nos currículos escolares, mas, sim, um dos vetores de uma estratégia mais ampla que visa desafiar as fundações mesmas do Estado moderno secular (SHANKS, 2004, p. 7). Nesta condição, a teoria do *design* inteligente não constitui um mero exercício teórico com vistas a dar continuidade a certas orientações religiosas. Aos olhos de Shanks ela é um vetor que contribui para configurar um novo (e grave) contexto sociocultural, político e religioso nos EUA. Em sua opinião, uma verdadeira

¹¹ Além da demonstração de que o flagelo bacteriano não constitui exemplo válido de complexidade irreduzível, Dawkins demonstra ainda que, outro exemplo apresentado por Behe, o sistema imunológico, também carece de evidências que permitam qualificá-lo como tal. Ao contrário, esse sistema já foi alvo de amplas pesquisas científicas que demonstram que ele é justamente a resultante de um processo evolutivo (DAWKINS, 2007, p. 145).

Guerra de culturas está sendo travada nos Estados Unidos por extremistas religiosos que esperam ajustar o relógio da ciência de volta à época medieval. O ataque atual visa, sobretudo, instituições educacionais e o ensino de ciências em particular. Contudo, há nessa pequena ação, uma mais larga rejeição do secular, do racional e dos democráticos ideais do iluminismo sobre o qual os Estados Unidos foram fundados. A principal arma nessa guerra é uma versão do criacionismo científico conhecida como *teoria do design inteligente* (SHANKS, 2004, p. xi).

Para este filósofo e biólogo, os ataques à ciência promovidos pelo criacionismo em geral e pelos proponentes da TDI em particular, são fragmentos de uma mais ampla e insidiosa rejeição do secularismo que permeia as sociedades democráticas ocidentais (SHANKS, 2004, p. xi).

Contudo, se críticos como Numbers, Forrest, Dawkins e Shanks, dentre outros, voltam suas baterias contra a suposta cientificidade da TDI e seu caráter pernicioso à educação e à própria ciência, críticos como o ambientalista norte-americano Lenny Flank tenta ir além. Por um lado, ele reforça o coro dos que concebem a TDI como uma versão aguada do criacionismo que tenta evitar conflitos jurídicos e acadêmicos ao remover a menção aos princípios básicos do criacionismo em geral. Assim sendo, o *design* inteligente nada mais é do que “um criacionismo em *smoking* barato”. (FLANK, 2007, p. 152). Todavia, ele considera que a característica central do *design* inteligente é ser “um bem definido movimento *político*, com objetivos *políticos teocráticos* cuidadosamente selecionados e com uma bem financiada estratégia deliberadamente planejada para implementá-los”. Em sua opinião, “o *design* inteligente/criacionismo (juntamente com seus companheiros da *Religious Right*) representa, em suas tentativas de remoldar toda a sociedade americana de acordo com suas próprias estreitas crenças sectárias, a maior ameaça à liberdade e à democracia nos Estados Unidos hoje” (FLANK, 2007, p. 7-8). Assim sendo, o caráter atentatório ao ensino das ciências, às instituições educacionais e seculares assinalado pelos críticos do *design* inteligente assume dimensões mais preocupantes aos olhos de Flank. Como podemos inferir de suas considerações, por se tratar de um movimento político com objetivos que na verdade seriam teológico-políticos, a TDI coloca-se na esteira

da mesma recusa do modernismo que anima o imaginário fundamentalista, ou seja, na recusa das condições de possibilidade filosóficas, simbólicas e cognitivas próprias da modernidade.

Além disso, como podemos perceber, os críticos da TDI têm levantado sérias questões acerca da própria natureza e caráter desse movimento. Primeiramente, vale destacar a associação estabelecida por todos eles entre o *design* inteligente e o movimento criacionista. Isto de certa forma implica considerar o *design* inteligente uma proposta religiosa antes que científica. Em segundo lugar, assim como para os analistas e mesmo para os proponentes, os críticos também afirmam ser a TDI uma teoria antievolucionista. Sem dúvida, a TDI pretende ser uma teoria substituta da teoria evolucionista darwinista. Por fim, vale destacar o posicionamento dos críticos em considerar a TDI, bem como o criacionismo em geral, uma ameaça pública à ciência e à sociedade em geral.

3 A TDI: Religião ou Ciência?

De acordo com William Dembski que, como vimos, é um dos principais proponentes e articuladores da TDI, “o *design* inteligente é a hipótese segundo a qual para explicar a vida, é necessário supor a ação de uma inteligência não evolutiva”. Uma vez que não se consegue explicar os organismos com base em causalidades naturais ou processos materiais, continua Dembski, “a alegação é simplesmente que deve haver algo mais do que as comuns causas naturais ou mecanismos materiais, isto é, deve haver algo superior, inteligentemente capaz de conduzir esses organismos” (DEMBSKI & RUSE, 2004, p. 3). Entretanto, no seu próprio parecer e de seus parceiros, tal perspectiva não retira da teoria do *design* inteligente seu caráter científico. Para eles, o problema não está propriamente na TDI, mas na *mentalidade* materialista ou naturalista que molda a sociedade moderna como um todo e, conseqüentemente, sua concepção de ciência e de seus fundamentos epistemológicos (DEMBSKI, 2010, p. 1-3). Na realidade, afirma

Dembski, “a ciência de acordo com o *establishment* darwinista, exclui por definição todas as coisas, exceto o material e o natural. Segue-se, daí, que toda proposta de um propósito, *design* e inteligência está proibida desde o início” (DEMBSKI, 2002).¹²

Para os proponentes e adeptos da TDI, um “planejamento inteligente é mais compatível com os dados da ciência do que o *acaso* sem sentido e a *seleção natural*”. A conclusão assumida não poderia ser outra senão afirmar, por exemplo, que o neodarwinismo funda-se muito mais nas pressuposições naturalísticas de seus seguidores do que em provas científicas efetivas (BARBOUR, 2004, p. 25).¹³ Por isso mesmo, ao considerar o mundo como um sistema fechado de causa e efeito, o darwinismo não pode aceitar a ideia de um planejador ou mesmo de Deus agindo no mundo mediante sinais, critica Dembski. Para os adeptos da TDI “Deus é o fundamento da existência do mundo ou a condição de possibilidade do mundo. A relação de Deus com o mundo é, portanto, *não causal*, isto é, Deus não age dentro do mundo, mas *ontologicamente*, ou seja, Deus dá ao mundo sua existência”. Como não poderia deixar de ser, Dembski culmina por defender uma visão de mundo que poderíamos qualificar de pré-moderna, na ausência de termo melhor. Isto porque em sua avaliação, o mundo não pode ser concebido como um sistema fechado de causas naturais e materiais e, assim sendo, a ação de um “agente inteligente” ou mesmo uma ação divina não deve ser vista como uma violação das leis naturais. No seu parecer, conseqüentemente, as causas naturais e as causas inteligentes podem operar constitutivamente em harmonia, sem por isto violar parâmetros científico-epistemológicos ou teológicos (DEMBSKI, 1999, p. 45-46).

Apesar dos esforços de seus elaboradores para promover a TDI como uma legítima alternativa científica e filosófica ao naturalismo, à teoria darwinista,

¹² DEMBSKI, 2011a.

¹³ Dentre os dados científicos utilizados pelos defensores do *design* que parece fornecer um apoio ao seu argumento encontra-se o denominado *princípio antrópico*, o qual explicaria as estruturas do mundo físico. Segundo esse princípio, a vida no universo teria sido impossível se os valores de algumas constantes físicas e de outras condições no universo inicial tivessem sido diversos, ainda que ligeiramente. Assim sendo, segundo os astrofísicos, o universo *parece* ajustado em “sintonia fina” para a possibilidade de vida. Ver BARBOUR, 2004, p. 45. Para maiores detalhes sobre o referido princípio, ver CARR; REES, 1979, p. 605-612.

ensinada nas aulas de ciência das escolas públicas norte-americanas, e aos parâmetros epistemológicos da própria ciência moderna, o fato é que, em 2005, a decisão do juiz federal dos EUA, John E. Jones III, no Caso *Tammy Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al.*, estabeleceu novas orientações. Em seu entendimento “a esmagadora quantidade de evidências apresentada durante o julgamento estabeleceu que o *design* inteligente é uma perspectiva religiosa, o criacionismo com novo rótulo, e não uma teoria científica”. O parecer deste magistrado se deu, principalmente, por ele reconhecer que “os escritos dos líderes e proponentes do *design* inteligente revelam que o *designer* postulado por seus argumentos é o Deus do cristianismo” – razão pela qual o ensino da TDI nas escolas públicas foi considerado inconstitucional nos termos da Cláusula de Estabelecimento da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos e do Art. I, §3 da Constituição da Pensilvânia.¹⁴ Como indica Steven Engler, assim como já havia ocorrido com o criacionismo científico em 1987 (*Edwards v. Arkansas*, 482 U.S. 578), “o avanço desse novo criacionismo foi bloqueado pelos tribunais estadunidenses” (ENGLER, 2011, p. 238). O fato de a TDI ser identificada como algo ligado ao cristianismo implicou não apenas em reconhecer que muitos de seus proponentes são efetivamente comprometidos com uma agenda cristã conservadora ou que a doutrina cristã constitui a base da teoria *design* inteligente. Implicou, sobretudo, em reconhecer que a afirmação da existência de uma “inteligência superior”, planejando e atuando conscientemente em prol da criação especial dos seres humanos, constitui um postulado *sine qua non*, ou seja, um postulado absoluto sem o qual os argumentos desta teoria perdem toda e qualquer consistência (IRONS, 2007, p. 65).

Ainda que os proponentes da TDI, discordando dessas conclusões, afirmem que existem diferenças fundamentais entre a proposta do *design* inteligente e a do criacionismo, principalmente com relação à proposta defendida pelos defensores

¹⁴ *Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al.* (400 F. Sup. 2d 707, Docket nº 4cv2688). Ver KITZMILLER, 2011, p. 43 e 3. Para maiores informações sobre o caso *Kitzmiller, et al. v. Dover Area School District, et al.*, ver: NUMBERS, 2006, p. 391-394. Ver ainda IRONS, 2007, p. 59-87.

do criacionismo científico, os principais críticos do *design* inteligente e do movimento afim, como vimos, são enfáticos ao qualificá-los como sendo uma nova etapa do criacionismo mesmo.¹⁵ Ainda que a TDI apresente um corpo teórico-metodológico que a diferencie dos demais tipos de criacionismo, ela não perdeu seus vínculos constitutivos com ele. Essa é, por exemplo, a avaliação de François Euvé, para quem o *design* inteligente é mesmo a *terceira etapa* do movimento criacionista, ainda que, em sua maioria, seus protagonistas não se reconheçam como criacionistas no sentido clássico (EUVÉ, 2009, p. 105). Concordando com essa opinião, Steven Engler segue afirmando que a “*terceira grande* onda do criacionismo norte-americano resultou do desenvolvimento da teoria do *design* inteligente na década de 1990 e de sua entrada nas salas de aula, mais uma vez a partir da afirmação de que se trataria de uma teoria científica comparável à teoria da evolução” (ENGLER, 2011, p. 244).

Conclusão

Em nosso entendimento o movimento do *design* inteligente é marcado por claras implicações teológico-políticas uma vez que seus membros se veem de fato em uma batalha contra a “doença social” do materialismo e do modernismo.¹⁶ Dentro desta perspectiva, suas posições mais combativas testemunham a existência de verdadeiro conflito cultural em curso no âmbito da cultura pública norte-americana que diz respeito, em última instância, à definição das fontes da verdade

¹⁵ Ver, por exemplo DEMBSKI, 2008, p. 105.

¹⁶ Os proponentes da TDI consideram que toda forma de naturalismo é mesmo uma “patologia intelectual”, uma “doença social” que deve ser erradicada pela teoria do *design* inteligente. Por isso mesmo, esses proponentes tecem duras críticas ao naturalismo e ao materialismo científico que para eles constituem apenas uma forma de cientificismo e, como tal, anulam a possibilidade de compreender a vida como um resultado não somente de causas naturais, mas também, e sobretudo, de causas inteligentes. Ver: JOHNSON, 2002.

e da autoridade moral.¹⁷ Porém, apesar entendermos que a TDI constitui uma terceira fase do movimento criacionista, é necessário frisar que ela é de fato *outro* tipo de criacionismo, bem diferente daquele defendido por William Jennings Bryan, na década de 1920, e do criacionismo científico de Henry Morris e John Whitcomb, elaborado nas últimas décadas do século XX. Isto porque a TDI configura-se atualmente mais organizada e sistematizada, tanto do ponto de vista teórico-metodológico quando institucional, e menos diretamente relacionada com uma interpretação literalista e inerrantista dos textos da Bíblia cristã, tal como propunham seus antecessores.

Tais características têm permitido à TDI receber a atenção de cientistas, filósofos, teólogos ou leigos vinculados a outras denominações religiosas que não as do campo evangélico, e fornecido ao movimento criacionista em geral uma expansão geográfica para além das fronteiras do espaço público norte-americano.

Entendemos que o debate em torno da teoria do *design* inteligente implica em discutir outras questões. Estamos conscientes da importância de relacionar a expansão da TDI à crise geral de autocompreensão do próprio secularismo moderno e ao processo de reconfiguração de alguns dos elementos essenciais que o possibilitaram, isto é, reconfiguração do saber científico, da política e da própria democracia enquanto expressão melhor do Estado-nação. Sabemos que esse contexto de crise abre lugar no espaço público para a presença das comunidades de fé enquanto legítimas depositárias de reservas de sentido acerca das origens e fins últimos da vida e da existência humana. Isto vem permitindo que a esfera pública funcione gradativamente como palco de expressão de escolhas tipicamente privadas, o que não modifica apenas a política, mas também a própria religião. Todavia, tratar desse novo e emergente processo de reconfiguração, que alguns

¹⁷ Em seu livro *Culture War: the struggle to define America*, publicado em 1991, o norte-americano James Hunter, sociólogo da cultura, desenvolveu uma avaliação segundo a qual “os EUA estão em meio a uma guerra de cultura que tem e continuará tendo reverberações não apenas em relação às políticas públicas, mas sobre a vida ordinária dos americanos, estejam onde estiverem” (p. 34). Hunter define guerra ou “conflito cultural muito simplesmente como hostilidade social e política enraizada em diferentes sistemas de entendimento moral. A finalidade às quais tendem estas hostilidades é a dominação de um *ethos* cultural e moral sobre todos os outros” (p. 42). Neste contexto, os conflitos e divisões são resultantes de diferentes visões de mundo e concepções acerca do fundamento da autoridade moral (p. 42).

qualificam de momento pós-secular, está muito além dos objetivos desse artigo que foi apenas o de tecer considerações sobre a teoria do *design* inteligente.

REFERÊNCIAS

ADVANCING Science. Serving Society. The Evolution Dialogues. Disponível em: <http://www.aaas.org/spp/dser/images_Doser/Publications/evol_dialogue_study_guide.pdf> Acesso em: 06 out. 2011.

AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE - AAAS. Evolution on the Front Line: an abbreviated guide for teaching evolution. Washington: AAAS Publication Services, 2006. Disponível em: <<http://www.project2061.org/publications/guides/evolution.pdf>> Acesso em: 11 out. 2012.

BAILEY, David H. **Creationism and intelligent design: scientific and theological difficulties**. 2010. Disponível em: <<http://www.dhbailey.com/papers/dhb-intell-design.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2011.

BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BEHE, Michael. **A caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

CARR, B.J.; REES, M.J. The Anthropic Principle and the Structure of the Physical World. **Nature**, San Francisco (USA), n. 278, p. 605-612, 12 April 1979.

DARWIN, Charles. **On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life**. London: John Murray, 1859.

DAVIS, Percival; KENYON, Dean H. **Of pandas and people: the central question of biological origins**. Dallas: Haughton, 1993.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DAWKINS, Richard. **The blind watchmaker: why the evidence of evolution reveals a universe without design**. New York: W. W. Norton, 1986.

DEMBSKI, William A. **In defense of intelligent design**. Kentucky: Southern Baptist Theological Seminary, 2005.

DEMBSKI, William A. **Ten question to ask your biology teacher about design.** Design Inference. Disponível em: <http://www.designinference.com/documents/2004.01.Ten_Questions_ID.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2011c.

DEMBSKI, William A. **intelligent design:** the bridge between science & theology. Downers Grove: IVP Academic, 1999.

DEMBSKI, William A. **Irreducible complexity revisited.** Design Inference. Disponível em: <http://www.designinference.com/documents/2004.01.Irred_Compl_Revisited.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2011b.

DEMBSKI, William A. **No free lunch:** why specified complexity cannot be purchased without intelligence. Maryland: Rowman & Littlefield, 2002.

DEMBSKI, William A. **The design inference:** eliminating chance through small probabilities. New York: Cambridge, 1998.

DEMBSKI, William A. **The design revolution.** Downers Grove: IVP Acad., 2004a.

DEMBSKI, William A. **The end of christianity.** Tennessee: B&H Publishing Group, 2010.

DEMBSKI, William A. **What every theologian should know about creation, evolution, and design.** Disponível em: <<http://www.freerepublic.com/focus/fr/603551/posts>>. Acesso em 17 jul. 2011a.

DEMBSKI, William A. Why President Bush got it right about intelligent design. In: HANKINS, Barry. **Evangelicalism and Fundamentalism.** New York: University, 2008.

DEMBSKI, William A.; RUSE, Michael, ed. **Debating design: from Darwin to DNA.** New York: Cambridge, 2004.

DENTON, Michael. **Evolution: a theory in crisis.** Great Britain: Burnett Books, 1997.

ENGLER, Steven. **O criacionismo.** In: CRUZ, Eduardo. **Teologia e ciências naturais:** teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2011.

EUVÉ, François. **Darwin et le christianisme, vrais et faux débats.** Paris: Buchet Chastel, 2009.

FLANK, Lenny. **Deception by design:** the intelligent design movement in America. St. Petersburg,: Red and Black Publishers. 2007.

FORREST, Bárbara. The “wise strategy” undone: Kitzmiller et al. v. Dover Area School District. **Skeptical Inquirer**, v. 31, n. 1, jan./fev. 2007. Disponível em: <http://www.csicop.org/specialarticles/show/wise_strategy_undone_kitzmiller_et_al._v._dover_area_school_district/>. Acesso em: 17 jul. 2011.

FORREST, Bárbara. **Understanding the intelligent design creationist movement**. Washington: Center for Inquiry, 2007. Disponível em: <<http://www.centerforinquiry.net/uploads/attachments/intelligent-design.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

FORREST, Bárbara; GROSS, Paul R. **Creationism's trojan horse: the wedge of intelligent design**. Oxford University Press, 2004.

FOUNDATION for Thought and Ethics. Disponível em: <<http://www.fteonline.com/>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

GAYON, Jean. **Darwin et l'après-Darwin**. Une histoire de l'hypothèse de sélection naturelle. Paris : Kimé, 1992.

GIBERSON, Karl; YERXA, Donald A. **Species of origins: America's search for a creation story**. Maryland: Rowman & Littlefield, 2002.

HANKINS, Barry. **Evangelicalism and fundamentalism, a documentary reader**. New York University, 2008.

HAUGHT, John F. **Deus após Darwin: uma teologia evolucionista**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HUNTER, James Davison. **Culture wars: the struggle to define America**. New York: Basic Books, 1991.

IRONS, Peter. Disaster in Dover: the trials (and tribulations) of intelligent design. **Montana Law Review**, Montana (USA), v. 63, n. 1, p.59-87, 2007.

JOHNSON, Phillip E. **Darwin no banco dos réus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

JOHNSON, Phillip E. **The wedge of truth: splitting the foundations of naturalism**. Downers Grove: IVP Academic, 2002.

KITZMILLER v. Dover Area School District. Disponível em: <http://ncse.com/files/pub/legal/kitzmiller/highlights/2005-12-20_Kitzmiller_decision.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2011.

MEYER, Diogo; EL-HANI, Charbel Niño. **Evolução: o sentido da biologia**. São Paulo: UNESP, 2005.

NUMBERS, Ronald L. **The creationists: from scientific creationism to intelligent design**. Harvard: Harvard University Press, 2006.

PLATÃO. **Obras completas**. Madrid: Ed. Aguillar, 1974.

SCOTT, Eugenie C. **Evolution vs. Creationism: an introduction**. Berkley: University of California Press, 2005.

SCOTT, Eugenie C. Antievolution and creationism in the United States. **Annual Review of Anthropology**, Berkeley, v. 26, p. 263-289, 1997. Disponível em: <http://bio.classes.ucsc.edu/bioe109/Old/Pre%202010%20Evo%20Website%20Materials/reading/Scott_1997.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2011.

SHANKS, Niall. **God, the Devil and Darwin: a critique of intelligent design theory**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

THAXTON, Charles B. et. al. **The mystery of life's origin: reassessing current theories**. Dallas: Lewis and Stanley, 1984.

WITT, Jonathan. **The origin of intelligent design**. Seattle: Discovery Institute, 2007. Disponível em: <<http://www.evolutionnews.org/The%20Origins%20of%20Intelligent%20Design.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2011.